

11-8-31

# NUNO GONÇALVES

## em Lisboa e em Paris

PARIS, 6 de Agosto.

O meu illustre camarada sr. João Ameal não lê os meus artigos, o que, aliás, está longe de ser uma prova de mau gosto e não é coisa que, em familia, se possa levar a mal. Mas isso o deixou supor, na sua excelente chronica de 3 do corrente, que ninguém ainda salientara na imprensa portugueza o artigo consagrado, no «Candido», pelo sr. Pierre du Colombier á Exposição das Tulherias. De facto, referi-me a esse artigo nas minhas cartas de Paris publicadas em 9 e 10 do mês passado, na segunda das quais traduzi mesmo uma passagem do dito artigo, que vejo agora novamente traduzida, e melhor traduzida, na chronica do sr. João Ameal. Mas por demais nunca se peca em coisas dessas, e mais vale que nos asseguremos todos de que não passarão despercebidas dos nossos compatriotas as lisongeiras e justas palavras que se escrevem cá fora a respeito de Portugal.

Assim, pesa-me na consciencia não ter falado ainda das referencias extraordinariamente elogiosas que as tapeçarias de Pastрана têm merecido á critica franceza e, entre ellas, o artigo que o sr. Hubert Morand lhes consagrou na primeira pagina do «Journal des Debats». A chegada dessas tapeçarias, cujo emprestimo o meu velho amigo Melo Barreto arrancou com prodigios de tenacidade e de diplomacia ao Shylock tonsurado que as guarda em terras espanholas, deu um novo brilho á Exposição das Tulherias e accentuou o seu successo incontestavel, triunfal. Poucas vezes uma exposição de arte estrangeira terá despertado em Paris um tal interesse e uma tão unanime admiração.

Numa carta que o «Diario de Noticias» publicou em 16 do mês passado, referindo-me largamente ao belo artigo que, sob o titulo de «L'Art Portugais aux Tuilleries», o sr. Louis Gillet escreveu para a «Revue des deux mondes», fiz notar que certas opiniões desse critico sobre a historia dos paineis de Nuno Gonçalves me pareciam discutiveis, mas que não haveria vantagem nenhuma em abrir aqui essa discussão. O sr. Louis Gillet, que é mais um excelente escritor e um critico impressionista do que um erudito e cuja autoridade em materia de historia de arte está longe do poder comparar-se á dum Dieulafoy ou á dum Bertaux, admira os tripticos e considera-os como uma das grandes coisas da pintura de todos os tempos. Isso nos basta; e não vale a pena abrir uma polémica sobre o facto de esse escritor, perfilhando algumas opiniões portuguezas sobre as figuras representadas nessas maravilhosas obras de arte e sobre a personalidade do seu proprio autor, ter querido dar ao seu artigo, neste meio, uma nota que lhe pareceu original.

Os argumentos que apresentam aqueles, tão numerosos, que não aceitam a tese (a dos paineis do Infante Santo), perfilhada de animo leve pelo sr. Louis Gillet, não me parecem facilmente contestaveis. Ele pretende, por exemplo, que os tripticos só podem ter sido pintados em 1447 ou 1448. Ora os traços das personagens representadas nesses tripticos indicam uma data nunca anterior a 1460. De todas essas personagens apenas uma, fiel á moda antiga, se apresenta vestida como os homens se vestiam na época indicada pelo sr. Louis Gillet; é o infante D. Henrique. Aceita a tese segundo a qual a personagem principal dos paineis seria não S. Vicente mas o infante D. Fernando, teriamos de considerar como representando D. Pedro a personagem do painel que representa, segundo a versão official, D. Afonso V. Ora o infante D. Pedro era mais velho dois anos do que o infante D. Henrique, e era loiro, como informa o cronista Rui de Pina, transcrito por Oliveira Martins no seu livro sobre «Os filhos de D. João I». O mais rápido exame dos paineis contraria duma maneira flagrante essa suposição. Além disso, o padre dr. Mauricio dos Santos, director da secção literaria da «Broteria», encontrou em Roma o processo relativo ao pedido de santificação do infante D. Fernando e, com elle, o retrato do principe, feito por um artista da época, talvez do atelier de Nuno Gonçalves. Ao contrario do S. Vicente dos paineis, esse D. Fernando tem grandes barbas e sustenta com as mãos um cadeado, aquele a que estava preso em Tanger.

Esses argumentos, repito, parecem-me de peso, embora me faltem as observações e estudos pessoais necessarios para que honestamente os possa declarar incontestaveis. Se abordo, a proposito do artigo do sr. Louis Gillet, uma discussão que eu proprio declarei inoportuna é porque num jornal de Lisboa appareceu uma carta de Paris na qual, em termos desabridos, se pretende fazer crer que um «escandalo intellectual» surgiu nos meios de arte parisienses, provocado pelo estudo do sr. Gillet, e que nesse estudo é desmoldada inteiramente toda a doutrina critica e historica do espantoso catalogo, que fica sendo uma nodosa infamante do espirito portuguez». O catalogo é aquele que foi redigido pelo sr. dr. José de Figueiredo e que um homem como o sr. Salomon Reinach não hesita em considerar impeccavel. Quanto ao autor da carta de Paris, que assina com um nome de consonancia estrangeira, consta-me que se trata de um jornalista portuguez useiro em servir aos leitores crédulos a sua propria impotencia em compota de fel. O seu «gesto» de agora seria destituido de oportunidade e de elegancia, mesmo que o não fosse de justiça. E a frase final do seu artigo—«Portugal infeliz, quando é que deixarás de sofrer o cruciante supplicio dos charlatães»—cai-lhe em cima, como acontece aos que cospem para o ar.

O melhor, o mais sensato comentario da parte contestavel do trabalho, aliás por outros titulos muito valioso do sr. Louis Gillet, encontrei-o num artigo inserto no numero de 25 de Julho do semanario «La vie catholique», cuja opinião não pode ser suspeita ao jornal portuguez que publicou, talvez sem dar por isso, a prosa violenta do seu correspondente de Paris. «O sr. Louis Gillet—diz esse artigo, referindo-se aos tripticos do Jogo da Pela—levantou recentemente algumas duvidas sobre a attribuição desses quadros a Gonçalves. Expressiu igualmente reservas sobre a designação da personagem principal, que não representaria S. Vicente... Essa questão levantada—e que os eruditos se arranquem entre elles para a resolver—não poderia diminuir o prazer que se apresenta na contemplação dessas obras-primas». Não é a opinião dum pedante mas sim a opinião dum homem de bom-senso e dum catolico que não esquece que levantar falsos testemunhos é faltar a um dos preceitos fundamentais da sua religião.

# O NOSSO PATRIMONIO ARTISTICO

99-VI-32

Uma interessante comunicação do sr. dr. José de Figueiredo na Academia Nacional de Belas Artes



O quadro «O menino entre os Doutores»

Reuniu-se ontem a Academia Nacional de Belas Artes com a assistência dos srs. dr. José de Figueiredo, D. José Pessanha, Sousa Lopes, Luciano Freire, dr. Xavier da Costa e Raul Lino.

Além do expediente, em que a Academia votou a proposta relativa a concessão do Premio Lupi, occuparam-se ainda os academicos do projecto de uma grande exposição de arte popular a realizar no fim do corrente anno, e da eleição de dois socios effectivos, e de um socio correspondente para o Porto, a fim de substituir ali, no respectivo Conselho de Arte, o falecido socio, o illustre artista João Augusto Ribeiro.

O sr. dr. José de Figueiredo fez depois uma larga comunicação sobre o retabulo da primitiva igreja da Madre de Deus, construida a expensas da Rainha D. Leonor, cerca de 1508. Disse que pudera finalmente identificar os paineis que, com os três gárdos ha anos de Portugal, constituíram esse retabulo, e que felizmente aqueles paineis não só se encontravam entre nós como eram ainda pertença do Estado. E accentuou a importancia do facto para o patrimonio artistico portuguez, por se tratar da obra de um dos maiores pintores de todos os tempos, Quentin Metsys.

Esse retabulo, como era sua ideia desde 1928 e o escreveu tambem depois o grande critico alemão Max Friedlander, era dedicado a «Compaixão da Virgem». E nem podia deixar de ser assim desde que acreditasse, como a partir de então acreditou, que os três paineis em questão e aquele

que legou ao Museu das Janelas Verdes, a Senhora Condessa de Edla, todos provenientes da Madre de Deus, tinham feito ali parte de um conjunto maior, e se não esquecesse ainda que esses paineis representam, respectivamente: «A Apresentação do Menino no Templo», «A fuga para o Egipto», «O Menino entre os Doutores» e as «Santas Mulheres e S. João de visita ao Calvario», temas estes todos da série «As Sete Dóres da Virgem».

A duvida cessa, porém, por completo, desde que identificara a pintura central do retabulo, graças ao auxilio do professor Freire, que, a seu pedido, limpou um painel cujo assunto era irreconhecível tão repintado e escurecido estava. O facto, porém, de prover essa pintura da Madre de Deus e de lhe parecer quincentista levava-o a suspeitar da possibilidade de estar ali o painel em questão, e não se enganou. Provava-o o seu tema e a sua época e autoria. O assunto é a «Mater Dolorosa» na sua figuração mais simples. O artista limitou-se a traduzir a profecia do velho Simeon, «tuam ipisius animam pertransibit gladius», unicamente com a representação da espada que deve atravessar a alma de Maria no momento em que essa espada apenas a toca ligeiramente. Quanto ao autor do painel em questão, não pode oferecer duvida que esse artista foi Metsys e que o pintou precisamente na época em que pintou os quatro paineis que já acima mencionamos. Mostra-o a sua tecnica que é bem a que o pintor empregou cerca de 1509, entremedia entre a tecnica do retabulo da «Legenda de Santa Ana», do Museu de Bruxelas, e a do triptico: «O Enterro de Cristo» do Museu de Antuerpia. Na nossa «Mater Dolorosa», ha ainda a transparencia e luminosidade do primeiro daqueles retabulos, qualidade que Metsys obteve com o emprego quasi exclusivo da «tempera», juntamente com efeitos mais opacos que acusam um emprego, já maior, de materias oleosas dominantes no triptico do Museu de Antuerpia e que são a causa do seu relativo escurecimento.

Os outros paineis mais pequenos de Metsys, que completavam este retabulo da Madre de Deus, estão ainda ali. Decoram agora, a grande altura, as pilastras da sua actual capela-mór, e diz o sr. dr. José de Figueiredo que é urgente tratá-los para evitar-lhes a completa ruina. O que representa «O Calvario» precisa, mais do que todos, dos mais instantes cuidados. Acrescentou o sr. dr. José de Figueiredo que o painel central em questão foi cortado inferiormente, no sentido horizontal, embora não de lado a lado. E essa mutilação, pelo que conta o cronista da Ordem, Frei Jeronimo de Belem, deve datar de 1752, anno em que uma pintura representando «Nossa Senhora das Angustias», que não pode deixar de identificar-se com aquela, foi mudada do claustro para uma capelinha especial, para ella feita então no mesmo claustro.

O sr. dr. José de Figueiredo concluiu a sua comunicação fazendo notar a opposição do tema deste retabulo em relação ao tema daquele que, três ou quatro décadas mais tarde, D. João III ou sua mulher mandaram fazer para a mesma igreja, a quando da sua ampliação. Enquanto o tema do retabulo primitivo eram as «Dores de Maria», o assunto do segundo foram as «Alegrias da Virgem». E a razão disto, no entender do sr. dr. José de Figueiredo, não foi a evolução da iconografia religiosa, como succedeu nos seculos XIV e XV, em que a igreja, neste ponto, deixou o espirito essencialmente luminoso do seculo anterior por um espirito mais sombrio e dramatico. O motivo foi, para elle, outro, o de ser sobretudo a «Mater Dolorosa» da primitiva igreja da Madre de Deus, a encarnação da propria dôr da Rainha D. Leonor, inconsolavel desde a morte tragica do Principe D. João.

E como D. Leonor morreu em 1524, e com ella morreu a verdadeira memoria do luto que não mais a deixou, os novos doadores da Madre de Deus, a quem o destino ainda não ferira, mudaram de culto, e é isso o que nos dizem os paineis que nos ficaram do segundo retabulo, em que nem um só assunto nos fala das «Dores de Maria», e antes todos, desde a «Natividade» até á «Ascensão de Cristo», nos dizem todas as maiores «alegrias» da mãe de Deus.

# A PROXIMA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ROTEIROS

e o plano dum certame mais amplo, exposto ha tempos pelo sr. dr. José de Figueiredo

237-24

Do nosso prezado amigo e illustre director do Museu de Arte Antiga, sr. dr. José de Figueiredo, recebemos a seguinte carta:

«...Sr. director do «Diario de Noticias» e meu prezado amigo—Li, com a maior atenção, no «Diario de Noticias», de hoje, a interessante entrevista que o jornal da illustre direcção de V. teve com o distinto official da Amada e activo director do Arquivo Historico de Marinha, sr. Raul Cesar Ferreira, e sobre esse assunto peço a V. o obsequio da publicação do seguinte:

Desde que organizei, ha anos, em Sevilha e, depois, em Paris, exposições da Arte portuguesa nas suas relações com a epoca dos nossos grandes Descobrimentos, pensei na organização, em Lisboa, duma exposição analoga, ampliada. E, desde logo, falei ali, nesse meu projecto, ao meu amigo sr. brigadeiro Silveira e Castro, e, mais tarde, aqui, ao meu amigo e illustre inspector geral das Bibliotecas e Arquivos, dr. Julio Dantas, tendo, no começo do ano passado, levado o assunto á Academia Nacional de Belas Artes. Na occasião propria, não deixaria, é claro, a Academia de pôr-se em contacto com o Arquivo Historico de Marinha, Sociedade de Geografia, e com os organismos do Ministerio das Colonias interessados no caso.

A exposição comportaria, com o que desse periodo tivesse verdadeiro valor artistico ou autentico interesse científico, tudo o que nesse campo se referisse á nossa actividade de navegadores e de conquistadores além-mar. Abrangeria, portanto, o que o sr. Raul Cesar Ferreira projecta fazer-nos ver em 1935 e, além disso, todas as outras diversas manifestações culturais da epoca, com a demonstração que elas encerram, tanto dos reflexos que nos trouxeram os povos então descobertos e conquistados, como dos reflexos que, por sua vez, estes a accusam do facto daqueles nossos Descobrimentos e Conquistas. Como, em Sevilha e em Paris, nas desta vez com muito maior desenvolvimento, figurariam assim ao lado das Cartas, Atlas e outros documentos da nossa actividade nautica ou a ela referentes, os livros iluminados do tempo, que, embora não fossem de marear, reflectissem entretanto essa nossa mesma actividade, como o «Livro das Armadas», o «Livro de Horas», chamado, impropriamente, de D. Manuel, o livro da «Armaria», de Antonio Codinho, os Livros da Leitura Nova, as Regras de Santa Clara, datados de 1527, «A Cronica de Duarte Galvão», do Museu de Cascais, sem esquecer os outros analogos existentes no estrangeiro, como, por exemplo, o «Breviario Mayer Van der Bergh», livros a que ha, agora, a ajuntar o cimélio Bertlandos, da nossa Academia das Ciencias. A isto acresceriam, como naquelas duas exposições, paineis, tapeçarias, esculturas, moveis, ceramica, bordados, tudo, enfim, que tivesse afinidades com a nossa admiravel actividade naquele periodo. E não se esqueceria tambem a arte puramente indigena, tanto antiga, como moderna. Além do valor que este ultimo conjunto representaria, pois Portugal é ainda detentor, no que lhe ficou do seu antigo Imperio Colonial, de alguns dos melhores e mais tipicos nucleos do ponto de vista artistico a reunião destas obras de arte teria tambem a vantagem de oferecer os elementos de apreciação que julgo indispensaveis para se procurar remedio ao perigo que ameaça esta arte. As ultimas exposições, em que figuraram os nossos produtos coloniais mostraram bem todo o mal feito nesse campo.

Só encarando a exposição desta maneira ampla se lhe pode dar o interesse e a importancia que é indispensavel que ela tenha, para ser em tudo digna do nosso esforço passado e daquele em que nos empenhamos presentemente. De contrario, perder-se-á a oportunidade unica do momento, e, com ela, o largo eco que a exposição a realizar teria, se revestisse o caracter artistico que daquela forma revestiria.

Creia-me seu, etc.—José de Figueiredo.»